

Eixo Nº 4: Como se demonstra, desde as primeiras entrevistas, que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras?

Coordenadores: Alma Montiel (EOL) e Gustavo Moreno (EOL)

Integrantes: Andrea Amendola (Buenos Aires), Ariel Aranda (Paraná), Alejandra Guerra (Buenos Aires), Juan Julian Lastra (Buenos Aires), Marcos Pelizzari (La Pampa), Andrea Perazzo (La Plata), Florencia Quiroga (Catamarca), Mariel Robledo (San Luis), Leonardo Rodriguez Achilles (San Juan), Andrés Romero (Mendoza), María Lujan Ros (Buenos Aires), Soledad Soto (Buenos Aires), Valeria Vinocur (Córdoba), Celeste Viñal (Buenos Aires)

Introdução: Demonstrar/Constatar

A pergunta introduz a necessidade de demonstração e é possível abordá-la por diferentes vertentes. Podemos nos orientar pela origem da técnica para argumentar essa especificidade. Na passagem da hipnose para a associação livre, o desejo freudiano abre caminho fazendo emergir a psicanálise com pouco mais que a convicção sobre os processos inconscientes e a etiologia sexual do sintoma. Em seguida, Lacan denunciará a distorção introduzida ao *aggiornar* a prática às terapêuticas da adaptação, para isso utilizará os escritos técnicos e reorientará tal desvio.

Outra vertente pode ser construída a partir dos conceitos e, com eles, delimitar o que é intrínseco à psicanálise. Lacan apontou alguns como fundamentais; pode-se demonstrar que a psicanálise opera de forma diferenciada pelo modo como incidem, na práxis, os conceitos de inconsciente, repetição, transferência e pulsão.

Ambas as vertentes se inscrevem na “perspectiva lógica da psicanálise”, à qual Miller adere, apontando o rigor da demonstração dos axiomas, mas considerando a necessidade de conservar um ponto paradoxal “onde já não se pode deduzir mais nada”¹.

Outra perspectiva surge da clínica. Os diferentes dispositivos de leitura de que dispomos para elucidar a prática podem nos permitir fazer de um caso, ou de uma sessão, uma via válida de demonstração.

Tanto a argumentação apoiada na técnica quanto aquela construída a partir da teoria são suficientes para abordar parcialmente o ponto em questão. Somente na dimensão do particular, que pode ser

¹ Miller, J.-A (1989). “Conferencia a los estudiantes de psicología”, In.: *Conferencias Porteñas 1*, Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 271, Tradução livre.

demonstrado em um caso, e na dimensão do singular, que o dispositivo do passe tenta dar conta, é possível se aproximar do que distingue a psicanálise. Miller afirma que há uma certa “[...] face do sintoma que só é suscetível de ser constatada”². No limiar onde a demonstração se desvanece, emerge a constatação.

As terapêuticas são colocadas por Lacan na vertente da trapaça. Atribuição que aponta para a própria psicanálise e exige um esforço a mais para dar conta de sua eficácia. Eludir, ignorar, forcluir e, de modo secundário, suggestionar, significar, domesticar, constituem as lógicas e os procedimentos das terapêuticas. Na psicanálise se trata de recortar o real em jogo, e demonstrar a incidência sobre ele. Isso constitui um princípio ético, encontrado em Freud no momento da sua descoberta, que Lacan sustenta quando se debruça sobre o conceito de sujeito do inconsciente e persiste, ao final de seu ensino, na investigação sobre a incidência de lalíngua sobre o corpo falante. Este escrito procura refletir sobre algumas das perspectivas que foram exploradas no trabalho de elaboração coletiva, sobre o qual os colegas convocados deram o seu vivo consentimento. Recortaremos em quatro seções o amplo leque que se abriu durante a conversação.

Tagareloterapia

A psicanálise não é uma terapêutica como as outras, embora não seja a única que trabalhe com a palavra. Nesse sentido, entendemos que vale a pena situar nesse vértice o que diz respeito à diferença entre a nossa prática e as outras.

É fato que em uma psicanálise se põe em jogo na dimensão da palavra. Mas de que maneira? Em que consiste e como a psicanálise entende essa tagarelice?

Se há algo que Freud introduziu em nossa cultura é que as palavras recortam um corpo. Freud muito cedo delimita como a palavra afeta o corpo e assim funda uma nova dimensão dele.

Diante desse corpo afetado, ele também funda um modo de tratá-lo por meio da palavra; pois, se o corpo está afetado pela palavra, será a palavra que irá tratá-lo.

Seres de palavra e gozo, ensinou-nos Lacan, situando o cerne do traumático no choque da língua com o organismo. Podemos afirmar que há um momento inaugural em que a materialidade da palavra traumatiza o corpo. Esse impacto, trauma inaugural para o ser falante, deixa profundas consequências. Uma das primeiras que podemos situar é que a palavra tem uma função de gozo para o sujeito.

² Miller, J.-A., *El ser y el Uno*, Lição de 06 de abril de 2011, (Inédito)

'Linguagem como aparelho de gozo', Miller nos ensinou a ler essa complexa relação do ser com a palavra, questão que implica um horizonte particular no que tange à práxis analítica e talvez um ponto fundamental que nos distingue das outras. A partir disto, não nos orientamos pelo 'o que quer dizer' o analisante, pois não há um sentido ou verdade oculta a desvelar. Desde o início do um tratamento nos orientamos pelo real.

Sem dúvida isso já implica outra prática da tagarelice. Apesar de passar pelos difíceis caminhos do sentido, passa-se por aí com o pano de fundo do sem sentido. Ou seja, advertidos de que, ao dizer, "isso" quer. Esta questão derruba qualquer ilusão de diálogo com o Outro. Nesse sentido, não há um diálogo em nossa psicanálise. Nossa *tagareloterapia*, então, põe em destaque que o Um fala sozinho, conduzindo o tratamento a fim de que o sujeito possa ler seu próprio programa de gozo, o que implica que ele mesmo possa localizar as coordenadas nas quais se construiu e se deu forma a esse Outro com quem se dialoga, para o próprio gozo. Miller, de maneira preciosa, o situa com a metáfora do ventríloquo. "Somos todos ventríloquos"³ e isso deve ser entendido como uma das consequências de localizar que o Outro não existe. Não há Outro senão Um do gozo.

Nesse sentido, se o Outro não existe, a palavra assume outro valor, é nesse ponto que Miller enfatiza que o significante não tem apenas uma função de mensagem, mas fundamental e principalmente uma função de gozo.

Quando falamos de linguagem, ela permanece articulada à mensagem e, portanto, ao Outro, ao sentido; mas falar de língua é sair do campo da comunicação, do campo da mensagem e entrar em cheio no campo do gozo.

Portanto, se a ideia que Lacan introduz é que antes de servir para comunicar, serve para gozar, esse é um ponto nodal para situar por onde, desde o começo, a psicanálise não é uma terapêutica como as outras. Essa dimensão do uso da palavra e de como entendemos a relação do sujeito com a palavra faz, desde o início, uma diferença radical entre a psicanálise e as outras *tagareloterapias*.

De um discurso que rejeita toda dominação

Como observou Alberti, a psicanálise é o único discurso, entre todos os laços sociais, que não pretende dominar. Lacan colocou essa pretensão na origem de todo discurso, quer este o mostre

³ Miller, J.-A., (1996) "La ponencia del ventrílocuo", *In.: Introducción a la clínica lacaniana*, Barcelona, Gredos, 2006.

ou disfarce. “O lugar da dominação, [...], é ocupado por um S₁, um mandamento que se impõe a todos: é preciso que isso funcione”⁴.

Se há um poder centrado em dirigir a vida do paciente, não é compatível com a ética do analista; este renuncia a isso para manter sua função. Miller fala de “laço dominial”⁵ e estabelece uma relação indissolúvel entre discurso, sugestão, identificação e segregação.

As psicoterapias se inscrevem no discurso do mestre. Sua estrutura coincide com a do discurso do inconsciente. Ambos propiciam a identificação e, quando ela vacila, impõe-se uma restituição. Na escrita do discurso do mestre se inscreve a impossibilidade da relação entre sujeito e objeto. As psicoterapias privilegiam a identificação ao custo de descartar a dimensão da fantasia.

O analista, não sem corroborar que essa perspectiva é conveniente, vai na contramão das identificações. Ele tentará perturbar a relação do sujeito com aqueles significantes privilegiados com os quais se constitui um Outro. Aponta para a queda das identificações que alimentam a fantasia, ponto de inércia e repetição de gozo.

Um passo prévio é possibilitar que o sujeito se encontre com esses significantes para que possa dar um contorno para seu sofrimento. Laurent nomeia esta operação como: “[...] dar as formas que poderiam fazer existir o amor ao inconsciente”⁶.

Miller em “Sutilezas analíticas” destaca que há nas psicoterapias uma tentativa de reduzir o sujeito ao senso comum e salienta como conveniente para o analista a posição do desapego, a qual vai exatamente na contramão de obturar com o senso comum e com a onipotência do saber.

Lacan trabalha a dinâmica da transferência como uma sucessão de movimentos de abertura e fechamento. As operações lógicas de alienação e separação estão em sua base. Na alienação se desdobra a relação do sujeito com o significante que o determina, o que corresponde à abertura do inconsciente. Na separação, a relação com o objeto está em jogo. O analista, esse novo objeto, invenção da transferência, encarnará, no momento do fechamento, o objeto constitutivo do sujeito em sua relação com o gozo. O desejo do analista é aquela função com a qual ele operará para manter a distância máxima entre o significante mestre no lugar do Ideal e o objeto, permitindo revelar o gozo que o objeto tampona na fantasia. Miller refletia a respeito recentemente: “o analista está disposto, ou deseja, ser amado sem aproveitar-se desse amor para seu gozo, amado como agalma e, depois, evacuado como um dejetivo no final da análise”⁷.

⁴ Alberti, C., “Lo que puede el psicoanálisis”, *Virtualia, Revista Digital de la EOL*, nº 42, março de 2023, Tradução livre.

⁵ Miller, J.-A., *Un esfuerzo de poesía* (2003), Buenos Aires, Paidós, 2016, p. 161, Tradução livre.

⁶ Laurent, E., *Umbral del Análisis*, Buenos Aires, Manantial, 1986, p. 106, Tradução livre.

⁷ Miller, J.-A. “Intervención de Jacques-Alain Miller” sobre el libro *Cómo terminan los análisis: paradojas del pase*, Disponível em: < <https://uqbarwapol.com/como-terminan-los-analisis/>>, Acesso em 20/08/2023 Tradução livre.

Por outro lado, rechaçar o real em jogo, sugestionar pela via do senso comum, construir um para todos e remeter o gozo ao terreno do transtorno, constitui a via príncipes das psicoterapias.

O sintoma: o incurável, o indizível... e os arranjos singulares

Partimos da ideia de que contemplar o incurável dentro do tratamento do sintoma é uma das razões que nos diferenciam das ‘outras’.

No sintoma há um gozo que não corresponde à ordem do sentido. Mas, ao mesmo tempo, para isolá-lo é preciso passar pelas volatas do sentido. Isso é também uma das consequências de localizar o ‘isso goza’ acima do ‘isso quer dizer’ que se manifesta no sintoma. O sintoma é a marca de que ‘isso quer gozar’.

Em uma psicanálise, esse gozo, que implica a solidão do Um, se acrescenta durante um tempo o campo do Outro, ou seja, o dois que lhe permite dar sentido, mas não porque supomos que essa seja a solução. O sentido é dado, para chegar ao sem sentido que nos habita, tendo no horizonte poder encontrar um arranjo próprio. Vale esclarecer que esse gozo opaco é um nome do incurável, o irreduzível em uma psicanálise. Localizar isso nos põe na perspectiva de pensar que, esse gozo, não é simplesmente o que não pode ser analisado, mas sim a própria possibilidade de uma análise. Embora Freud se encontre com isso no final, Lacan o aborda desde o início de um tratamento. Ou seja, não é só um produto ao qual se chega em uma análise, mas partimos daí em cada psicanálise. Existe esse resto que não entram na tagarelice analítica e, portanto, é um osso duro em torno do qual se dá voltas numa psicanálise.

Para que uma psicanálise seja possível, somos solicitados a fazer um esforço para abrigar o indizível, o impossível de dizer. E será em torno disso, que o dizer contornará esse buraco que nos constitui. Oferecendo a possibilidade, a cada vez, de que o sujeito possa saber ler a letra de seu sintoma.

Tendo essa perspectiva presente, podemos começar a vislumbrar que há um tratamento específico que a psicanálise faz com relação a essa característica do sintoma e é esse tratamento que a diferencia de outras práticas.

Como diz Miller: “Há um modo de cura que não é terapêutica e que consiste em tornar-se incurável”⁸. Então, como se demonstra que a psicanálise, desde as primeiras entrevistas, não é uma terapêutica como as outras? Do lado do sintoma, acolhendo esse incurável. Sem a pretensão de terapeutizar, porque, como sabemos, isso leva ao pior.

⁸ Miller, J.-A., *Del síntoma al fantasma. Y retorno* (1982), Buenos Aires, Paidós, 2018, p. 340, Tradução livre.

Há efeitos terapêuticos, é verdade. O que não significa que a psicanálise seja terapêutica. Não se gabar dos efeitos terapêuticos a fim de saber que, parafraseando Miller, o incurável/ indizível está na porta de entrada de toda análise. Essa posição faz que, desde o início, nossa terapêutica não seja como as outras, pois requer um analista advertido de se abster do seu próprio desejo de curar.

Dar contorno ao indizível do sintoma, acolhê-lo, suportá-lo desde o início de um tratamento, implica não só uma posição de escuta diferente, mas fundamentalmente um modo particular de intervenção que suporte o vazio e a intempérie do não-há.

Todo começo é político

Lacan lê na excomunhão que foi reduzido a um objeto, posição a partir da qual abre o campo lacaniano, reinventa a psicanálise e funda a sua Escola.

Funda, tão só como sempre esteve em relação à causa analítica, uma Escola que aloja em seu seio um não-saber, sendo ao mesmo tempo um lugar de estrangeiros na medida em que cada um está só com seu gozo e com sua relação com a causa analítica.

Como Miller nos ensinou, embora a Escola não seja a experiência analítica, ela é uma experiência que também constitui um elemento fundamental na formação. A experiência de Escola funciona, de certa forma, como a experiência da análise: aposta na desidentificação que desmassifica e nos convida a poder suportar esse não-há e a solidão que nos habita, porém com alguns outros.

Se uma Escola nos faz passar cada vez por essa experiência, entendemos que em cada “começar a se analisar” isso está em jogo.

Então, como se demonstra, desde as primeiras entrevistas, que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras? Como psicanalistas de orientação lacaniana, o fazemos a partir da experiência de Escola.

Escola que funda uma comunidade de trabalho que sustenta o paradoxo e a tensão de estarmos ali a sós, e com outros, tentando fazer avançar a psicanálise, porque não sabemos o que é um psicanalista e temos que inventar esse saber a cada vez.

Estamos nisso.

Tradução: Tainã Rocha
Revisão: Cristiana Gallo e Paola Salinas (Tradução)
Revisão: Luis Francisco Camargo e Cristiane Barreto

Bibliografia

- Alberti, C. Lo que puede el psicoanálisis. *Virtualia*, n. 42, *Revista Digital de la EOL*, mayo 2023.
- Freud, S. (1913) “Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I)”. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*, Fundamentos da clínica psicanalítica, Belo Horizonte, Autêntica, 2017, p. 121-150.
- Lacan, J. (1955) Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 325-364
- Lacan, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 591-652.
- Lacan, J. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.
- Lacan, J. (1960-1961) *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., cap. XXIII, XXIV e XXV, 1992.
- Lacan, J. (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. (1964) Ato de fundação. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 235-247.
- Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 248-264.
- Lacan, J. (1975) Conferência de Genebra sobre o sintoma. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 23, 1998, p. 6-16.
- Lacan, J. *O seminário 25, Momento de concluir*. Lição de 15/11/1977. (Inédito).
- Lacan, J. Apertura de la sección clínica. *Ornicar?*, 9 de abril de 1977.
- Laurent, E. *Umbrables del Análisis*. Buenos Aires: Manantial, 1986
- Laurent, E. Existe um final de análise para crianças. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 10, 1994, p. 24-33.
- Miller, J.-A. (1982) *Del síntoma al fantasma. Y retorno*. Buenos Aires: Paidós, 2018, p. 323-340. Lição de 13/04/1983.
- Miller, J.-A. (1988) Amor y Goce. In: *Conferencias Porteñas I*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 227-281.
- Miller, J.-A. (1994) *Donc: la lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 283-300. Lição de 27/04/1994
- Miller, J.-A. (1996) La ponencia del ventrílocuo. In: *Introducción a la clínica lacaniana*. Barcelona: Ed. Gredos 2006
- Miller, J.-A. (2000) *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós, 2013, cap. III e IV.

- Miller, J.-A. (2003) *Un esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós, 2016.
- Miller, J.-A. (2007) *Todo el mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós, 2015, cap. I, II, VI e VII.
- Miller, J.-A. (2008) *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Miller, J.-A. El ser y el Uno. Lição de 06 de abril de 2011. (Inédito)
- Miller, J.-A., “La escucha con o sin interpretación”. In: *Lacanianana 31*, Publicación de la EOL, 2022
- Miller, J. A. As contra-indicações ao tratamento psicanalítico. *Opção Lacaniana*. São Paulo, n. 25, 1999, p. 52-55.
- Miller, J.-A. (1992) A Escola de Lacan In: *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 523-550.